

Breves escritos de anarquistas brasileiros

o diário do dr. satan¹

roberto das neves*

Tinha eu nove anos quando minha avó materna me ensinou que Deus é constituído por três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo), cada uma delas Deus, mas formando, todas juntas, um único Deus. E resumi: “Cada um deles é Deus, mas um só é verdadeiro”. Procurei, intrigado, compreender, mas, por mais que fizesse, aquilo não me passava das goelas. Fiquei a ruminar, alguns minutos, após o que gritei à minha avó: “Se um só Deus é verdadeiro, os outros são falsos ou mentirosos!” A mãe de minha mãe castigou-me a heresia com uma bofetada, e ao justificar o seu gesto diagnosticou que eu tinha “o Diabo no corpo”.

* Roberto das Neves (1907-1981): poeta, escritor e anarquista. Na década de 1940 colabora com o jornal *Ação Direta* e em 1951 funda a editora anarquista Germinal. Autor de *Assim cantava um cidadão do mundo*. Rio de Janeiro, Germinal, 1952; *O diário do Dr. Satan — comentários subversivos às ocorrências cotidianas da sifilização cristã*. Rio de Janeiro, Germinal, 1954.

Dias depois, tendo encontrado numa caixa de fósforos três deles reunidos por uma cabeça comum, fui, radiante, a correr, mostrá-los a minha avó: “Decifrei a charada da Santíssima Trindade. Veja: três fósforos distintos e um só verdadeiro!” A resposta foi outro sopapo e a confirmação do diagnóstico anterior: “É o que eu digo, este rapaz tem o Diabo no corpo!”.

Desde então, pela vida afora — na escola, no lar, entre os colegas, os parentes, os amigos e os inimigos — a cada dúvida que eu formulava, cada coisa que dizia ou fazia, em desacordo com as idéias dominantes, em matéria religiosa, política ou científica — não cessei de ouvir a mesma sentença: “Este rapaz tem o Diabo no corpo!”.

Com quatorze anos, estudante do liceu em Coimbra, por ocasião dos célebres festejos da Rainha Santa Isabel, que àquela cidade atraem de todo o Portugal milhares de crentes nos poderes miraculosos daquela taurmaturga e também nos poderes de Baco e de Vênus, lembrei-me de lançar nas pias de água-benta da igreja de santa Cruz pós-de-sapato de cor vermelha. Dali a pouco, saíam as moças do templo, intrigadas por verem suas alvas blusas salpicadas de manchas sangrentas. Espreitando, à porta da casa de Deus, o resultado da minha experiência, ouvi duas beatas comentarem: “É milagre da Rainha Santa! Ela, que transformou ouro em rosas, acaba de transformar a água-benta em sangue!” E lá se foram, alarmadas com o temor de que o estranho fenômeno encerrasse um augúrio de catástrofe.

Na igreja do convento de Santa Clara-a-Nova, na mesma cidade de Coimbra, existe junto à grade do coro, um túmulo no qual foram encerrados, há séculos, os restos mortais de certa madre abadessa, morta, ao que dizem, naquele mosteiro, entre fumos de santidade. Na tampa do sepulcro, a estátua jacente da religiosa, com

um rosto horrivelmente masculino. Um dia, aproveitando a ausência de fiéis e do sacristão, entretido por um cúmplice meu, pintei-lhe com pixe uma grande barba e um não menos respeitável bigode, que, por estranho que pareça, muito suavizaram a dureza das feições da pobre mulher, que naquele convento sepultara os seus sonhos da juventude, se é que os teve.

Outra heresia nesse tempo inspirada pelo Diabo, que eu, segundo diagnóstico geral, trazia e trago no corpo, consistiu em espalhar pelas igrejas valerianato de amônia ou de zinco (o efeito é o mesmo), em cristais, tal como se adquire nas drogarias, ou em solução concentrada, que eu preparava em casa. Não houve incenso nem mirra, queimados à pressa, nos turíbulos, pelos alarmados representantes de Deus, capazes de evitarem a precipitada fuga dos crentes e dos próprios sacerdotes que, atordoados pelo nauseabundo e persistente cheiro a chulé que a droga exala, deixavam desertos os templos. Repeti, mais tarde, esta experiência, por ocasião de greves de garçons, em Lisboa e em Madri. Espalhou-se valerianato por todos os cafés e restaurantes, onde os patrões, com a colaboração de “amarelos”, se esforçavam por fazer fracassar os justos movimentos reivindicativos dos trabalhadores do ramo da alimentação. O resultado foi surpreendente: não tardou que as emanções daquele terrível instrumento de Satanás pusessem em debandada os clientes que, consciente ou inconscientemente, favoreciam a causa do patronato.

Outra vez, o Diabo inspirou-me idêntica heresia numa igreja em Coimbra. Estávamos em Quinta-Feira Santa, e os fiéis, como todos os anos naquele dia, acorriam a beijocar os pés do Senhor Morto, ali estendido no seu caixão. Decidi despejar-lhe, debaixo das plantas, um frasquinho com cristais de valerianato. Dali a

pouco, os crentes afastavam-se, à pressa, horrorizados, com a mão no nariz. Surpresa, uma beata comentou para a outra: “Ah, comadre, parece mesmo que Nosso Senhor está vivo! Deus me perdoe a heresia, como lhe cheiram mal os pés!” E encaminharam-se as duas para a sacristia, dispostas a fazerem a esmola de lavar os membros inferiores do Redentor, pagando assim, na mesma moeda, o serviço que ele prestara, séculos antes, aos discípulos.

Ainda outra heresia desses meus tempos de adolescente: assistia eu, na igreja do Carmo, na rua da Sofia, em Coimbra, todos os domingos, à missa, obrigado a isso pelo dono da casa em que meu pai me hospedara e que havia tomado sobre os ombros a tarefa, tão grata a Deus, quanto ingrata para ele, de salvar-me a alma à força, contra a minha vontade, das unhas do meu amigo Satanás. No altar-mor, havia um Menino Jesus muito simpático, mas a quem as beatas não prestavam a menor atenção, por motivos que só depois vim a descobrir e que a seguir se expõem.

Freqüentando a igreja desde havia uns três anos, estranhava eu que, ao contrário do que ocorria comigo e com os meus colegas, o símbolo da virilidade, que o Menino Jesus exibia no lugar próprio, sempre conservasse, como infenso às leis fisiológicas do crescimento, apesar do transcurso inexorável do tempo, as mesmas diminutas proporções, tão diminutas que mal podíamos enxergá-lo a uns cinco metros.

Com lástima do Menino, resolvi ajudá-lo a corrigir nele aquela para mim negligência da Natureza. A meu pedido, um escultor meu amigo, cuja memória reverencio sempre com o maior respeito — chamava-se Afonso de Moura, era anarquista e um dos homens mais inteligentes, mais leais e mais destemidos que tenho conhe-

cido, uma espécie de Suvarine do “Germinal” de Zola, e que, por tudo isto, foi, mais tarde, preso e deportado, pelo governo do Sr. Dr. Oliveira Salazar, para África, onde morreu de febres — confeccionou, com barro cozido e pintadinho, um outro símbolo da virilidade, esse bem visível, enorme, destinado a substituir o raquítico, o enfezado, microscópico, do filho da Virgem. E, ao crepúsculo, fechado por dentro o portão da igreja, enquanto dois colegas e cúmplices meus distraíam na sacristia o velho sacristão, trepei ao altar-mor e, com cola especial usada pelos fabricantes de santos, adaptei o referido pormenor anatômico no lugar competente no corpo do Menino Jesus.

No dia seguinte, um domingo, pouco depois do começo da missa, os raios do sol, coando-se pelos vitrais, incidiram subitamente sobre o filho de Maria, iluminando-o completamente. Duas jovens pecadoras, ajoelhadas na primeira fila, ergueram, à elevação do cálice, os olhos para o altar-mor, fixando-os no Menino. Súbito estampou-se no rosto delas uma expressão de agonia. Percebia-se que elas não sabiam como classificar o que viam. Obra de Deus ou do Diabo? Afinal, o Menino Jesus fora atingido, como qualquer mortal, pelas vicissitudes fisiológicas da carne.

Ao espanto não tardou a suceder o riso, que a breve trecho, comprimido pelo esforço com que as duas jovens procuravam manter o respeito devido à santidade do local, explodia e se contagiava aos demais fiéis, nessa altura já todos também de olhos arregaladamente postos na inexplicavelmente avantajada excrescência da divina criança. O padre, que nada vira e por isso nada compreendia, pusera-se furioso por aquela súbita e irreverente explosão de riso, que se generalizara a todos os crentes. A muda indignação com que o representante de Deus procurava restabelecer o decoro no

templo não fez senão agravar a situação, como sucede sempre, pelas leis da expansão dos gases, em casos similares. E o pobre sacerdote, que dos olhares cominatórios passara às destemperadas frases de admoestação, reconhecendo infrutíferos os seus esforços para dominar aquela crise de riso e de fé, cuja causa ele não atinava em descobrir, não encontrou outro remédio senão suspender o ofício divino, desparamentar-se e sair do templo, dardejando chisporreteantes anátemas sobre o seu rebanho.

O escândalo transbordou para o órgão católico local, que, no dia seguinte, furioso, fulminava, ameaçando-os com os horrores do caldeirão, “os inimigos de Deus, os maçons, os que, presas do Demônio, perturbavam a crença das pacíficas ovelhas do Senhor”.

Um dos meus companheiros, pervertido, pouco depois, à fé católica, não tardou a denunciar-me como autor principal das heresias acima narradas. Taxado como ovelha ranhosa, inacessível à boa doutrina, à divina graça, à recondução às verdes pradarias da fé e, pois, altamente infeccioso para o rebanho do Senhor, não tardei a ser despedido, pelos meus hospedeiros, da casa em que vivera, como estudante do liceu, alguns anos, em Coimbra.

Não recordo aqui estas rapaziadas porque delas me vanglorie, pois as considero, hoje, como atentados à liberdade, que muito prezo, de opiniões e cultos, atentados só desculpáveis pela minha pouca idade, mas apenas para que o leitor melhor compreenda o título do presente livro.

Quando, aos 23 anos, iniciado, em Portugal, numa sociedade secreta, me convidaram a escolher um nome simbólico, indiquei, sem hesitação, o de Satan, que, pouco depois, “doutor” em filosofia pela Universidade

de Coimbra, os meus companheiros de Carbonária fizeram preceder da abreviatura “Dr”.

Em 1945, no jornal *Ação Direta*, que no Rio ajudei a reviver com José Oiticica, sob cuja direção mantém a pureza dos princípios que defende, confiaram-me uma seção de comentários, à qual dei o título de “Não Apoiado! — pelo Dr. Satan”. Tal seção alcançou tamanho êxito, que numerosos camaradas e amigos me incitaram a reeditar em volume os comentários publicados naquele jornal. Além desses, reüno aqui outros, aparecidos nos jornais *A Plebe* e *O Malhete*, de São Paulo; *Cidadão do Mundo* e *Gazeta do Brasil*, do Rio, e ainda na *Batalha*, de Lisboa, e outros, até hoje inéditos.

“O Diário do Dr. Satan” é, pois, como os leitores agora compreendem, o repositório de comentários diariamente anotados, nos últimos dez anos, pelo Diabo, que, segundo a minha avó, habita em mim e que, pela vida afora, tem inspirado tantos dos meus atos. O Dr. Satan é a minha voz subterrânea. Basta concentrar-me, um momento, à meia-noite, hora solene do Sabá, quando regresso à casa, para que a minha mão, deixada livre, corra sobre o papel, impelida por força misteriosa — a do espírito de Lúcifer, que algumas vezes me faz reproduzir, desentranhando-os das gavetas do Inconsciente Coletivo, trechos do grandioso acervo da Sabedoria Humana.

Podia muito bem ter escrito sobre a fachada deste herético livro: “Obra mediúcnica, ditada pelo espírito de Satanás e psicografada por Roberto das Neves”. Os leitores, que certamente hão de ser muitos, e particularmente os amigos de Satanás, que são numerosíssimos, não duvidariam. Não o fiz, pelo receio de que me acusassem de pretender imitar o Sr. Francisco Cândido Xavier.

o anarquismo como expressão artística²

felipe gil de souza passos*

Alguns intelectuais da burguesia, tomando erradamente os princípios anarquistas como doutrina de nivelamento, procuram nivelar idéias libertárias negando-lhes o valor que têm como expressão de arte e de beleza.

Nesse erro incorrem também muitos de nossos camaradas, que tomando do anarquismo somente o seu aspecto social, atiram para planos inferiores a sua finalidade estética; e a arte, essencialmente anárquica, porque é, sem dúvida, a expressão mais livre do individualismo e que tem uma função criadora, quase nunca está ligada aos motivos de luta e de combate, no campo da propaganda libertária. Isso tem feito com que, dentro do círculo acanhado em que se processam, principalmente entre nós, o desenvolvimento e a evolução das idéias, não se conceba o anarquismo senão como um ideal de famintos, apenas como instrumento de reivindicações proletárias, encerrado num problema econômico e moral das massas trabalhadoras.

Ora, sendo o anarquismo uma depuração de todas as filosofias, o que equivale a dizer que é o resultado de todas as conclusões científicas, porque o confronto e o livre exame de todas as teorias levam, necessariamente,

* Felipe Gil de Souza Passos (?-1964): garçon, ensaísta e anarquista. Colaborador do jornal *A Plebe*, na segunda metade do século XIX.

te, logicamente, à finalidade anárquica, é claro que as classes cultas e estudiosas têm o dever de procurar identificar-se com esta filosofia, cujo sistema, despido das aberrações metafísicas, tendo como base as ciências naturais, melhor e mais naturalmente se processa a assimilação dos seus conceitos.

Os interesses criados, que se chocam, indiscutivelmente, com os princípios de liberdade e de justiça proclamados pelos anarquistas, não deveriam constituir um entrave ao aperfeiçoamento do intelecto, porque os anarquistas não pretendem inverter os papéis na ordem social: se acentuam, como condição indispensável para a realização prática de uma sociedade livre, o desaparecimento dos interesses criados pelo sistema estatal, não é em benefício de uma seita, de um partido ou de uma corrente partidária: é como garantia da felicidade humana em benefício de todos.

Integrado o indivíduo na plenitude das suas faculdades criadoras; libertado de todos os preconceitos raciais, religiosos e sociais que o amesquinham porque lhe destróem a personalidade, colocado na posse de todos os recursos necessários à sua capacitação cultural, estaria, sem dúvida, à altura das mais elevadas concepções artísticas. Arte é sentimento, vibração, vida e personalidade. Se os sentimentos são livres, livres também são as vibrações na vida e na personalidade do artista. Ao contrário do que acontece em nossos dias, em que as manifestações artísticas estão sujeitas ao mercantilismo da vida social, ou sofrem as consequências do desequilíbrio econômico que leva os indivíduos a subordinar os seus sentimentos aos interesses criados pelo capitalismo, imagine-se até onde chegaria a força criadora do indivíduo num ambiente em que ele não sentisse a necessidade de coibir-se a si mesmo! Dentro desse conceito é que devemos julgar as mani-

feições artísticas, se queremos compreender a arte. E o que pretende o anarquismo é justamente dar ao indivíduo a posse de si mesmo, integrá-lo na consciência plena de todas as suas faculdades criadoras. Poderão objetar, aqueles que são incapazes de conceber a liberdade sem autoridade, que os motivos patrióticos e as concepções religiosas têm fornecido elementos de grande valor artístico e citarão, para exemplificar, Michelangelo Buonarroti, Camões ou Dante, Velásquez ou Virgílio. Mas, estudando-se a fundo a vida de todos os gênios, o que mais realça neles é precisamente o seu anarquismo, isto é, o seu espírito de independência, a sua personalidade artística em luta com o meio, submetida aos interesses dos poderosos espirituais ou políticos, econômicos ou sociais. O que fica de suas obras é o fundo revolucionário e filosófico que as anima. O seu sofrimento, a sua rebeldia, a sua ânsia de perfeição!

Os motivos que serviram aos grandes gênios como forma de expressão artística não importam, se tivermos em conta que o indivíduo é produto do meio, concebe e realiza conforme as idéias do seu tempo, valendo-se das formas de expressão que o ambiente lhe proporcione. Se consegue superar o meio ambiente, se ultrapassa a época em que vive, é porque os seus conceitos, as suas manifestações artísticas, os seus pensamentos, contêm os princípios que rasgam os céus do futuro e abrem caminhos a novas formas de expressão. E isso é anarquismo, porque o anarquismo é a mais elevada expressão artística da humanidade.

edgar leuenroth, o homem e o militante³

jaime cubero*

Edgar Leuenroth era um grande orador e um militante de decisão inquebrantável, ativo, enérgico, sereno e determinado, cuja longa vida foi inteiramente dedicada aos ideais libertários.

Nascido em Mogi Mirim, no dia 31 de outubro de 1881, descendia por parte de mãe do Visconde do Rio Claro. Seu pai, um médico alemão, falecera quando ele tinha três anos, levando sua família a se transferir para São Paulo, fixando residência no bairro do Brás, onde o anarco-sindicalismo marcou presença histórica.

Edgard não fez estudos regulares, foi um autodidata; deixou o curso primário para trabalhar como empregado de escritório, balconista de uma lojinha de tecidos, até se tornar aprendiz de tipógrafo, e depois tirador de provas no jornal *O Comércio de São Paulo*, onde na convivência com redatores e outros trabalhadores fez o seu aprendizado sobre a vida jornalística.

Foi trabalhando neste periódico que Edgard criou seu primeiro jornal, em meados de 1897. Chamava-se *O Boi* e funcionava num barracão no fundo de um cortiço, no

* Jaime Cubero (1927-1998): sapateiro, escritor, anarquista. Colaborador da imprensa anarquista do final do século XX e secretário do Centro de Cultura Social de São Paulo, de 1963 a 1993.

Brás. Mais tarde transformou-se em *Folha do Brás*, “órgão defensor dos interesses do bairro”.

Durante sua vida, participou como fundador, redator, diretor e administrador, de um enorme conjunto de jornais do movimento anarquista e operário. Em muitos colaborou sob pseudônimos: Frederico Brito, Routh, Palmiro Leal, Leu, Leão Vermelho e Siffleur. Era um “fazedor de jornais”, como se autodenominava. Entre alguns de presença marcante no movimento libertário podemos citar: em 1904, *O Trabalhador Gráfico*, como fundador e redator; em 1906, *Luta Proletária*, como redator; de 1908 a 1909, *Folha do Povo*, diário em São Paulo; de 1909 a 1935 no *A Lanterna*, como diretor e redator; de 1917 a 1935 *A Plebe*, como fundador e redator, inclusive nas fases posteriores; em 1921, na *A Vanguarda*, diário, como fundador e redator. Tomou parte em muitas publicações não anarquistas, e chegou a ser o organizador do *Anuário da Imprensa Brasileira*.

Aos 26 anos, Edgard Leuenroth participou do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, durante os dias 15 a 20 de abril de 1906, colaborando para a fundação da Confederação Operária Brasileira e o lançamento do jornal *A Voz do Trabalhador*. A partir de então, não deixou mais de cooperar nos congressos estaduais, encontros, comissões, trabalhos de coordenação, com sua máxima dedicação. É por isso que os grandes momentos da luta dos trabalhadores no Brasil não podem ser historiados sem a referência destacada da sua atuação anarco-sindicalista.

O esforço dedicado à vida associativa começou quando ainda era tipógrafo, fundando o Centro Tipográfico de São Paulo, em 1903, posteriormente transformado em União dos Trabalhadores Gráficos, e depois Sindicato dos Gráficos. Participou ativamente como funda-

Edgar Leuenroth, o homem e o militante

dor e militante de todas as organizações gráficas da imprensa que apareceram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Organizou vários congressos jornalísticos: em 1918, o 1º Congresso de Jornalistas, no Rio de Janeiro; em 1926, em Washington, apresentou uma mostra da Imprensa Brasileira no 1º Congresso Pan-Americano de Jornalistas; organizou o 1º Congresso dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo em 1942.

Edgard Leuenroth, incessante, sempre foi um entusiasta da vida associativa porque acreditava que uma sociedade libertária tem seus fundamentos na solidariedade e na associação livre, qualquer que seja o interesse que possa mover as pessoas a fim de se associarem, em contraposição à competição selvagem da sociedade capitalista, sempre alimentada por sua ideologia. A solidariedade que transparece na infindável série de associações de toda ordem existente é a resposta da natural necessidade humana de sociabilidade e apoio mútuo.

Edgard Leuenroth conviveu com muitas repressões, prisões, empastelamentos de jornais. Nunca esmoreceu. Jamais se dobrou. Ao longo de sua vida intensa, enfrentando toda sorte de dificuldades, inclusive doenças, preocupou-se com a documentação que passou a guardar e preservar, lutando muitas vezes para impedir que a polícia apreendesse o seu acervo de jornais e livros, documentos de toda ordem, correspondências, etc. Muitos companheiros lhe passavam seus próprios documentos sabendo do interesse que ele tinha em conservá-los. Sua família vendeu o acervo para a UNICAMP, Universidade de Campinas, nos anos 1970, e hoje se encontra no *Arquivo Edgard Leuenroth*, servindo de referência para tantas teses e pesquisas na área acadêmica, mas que também revela o outro lado da história

tantas vezes escamoteada pelos que têm interesse em que não seja conhecida.

Quando me lembro do amigo, do companheiro de personalidade forte, que ainda em seu leito de morte queria ter o material em suas mãos para trabalhar em livros planejados, ainda em setembro de 1968, quando no dia 28 veio a falecer, penso que é preciso continuar... “juntando pedras para construir o edifício libertário” para manter a dignidade da vida e sermos coerentes com todos os que dedicaram a vida com dignidade pelos ideais de superação humana.

os anarquistas sempre presentes⁴

edgard leuenroth*

Não sabemos como ainda haja quem, de boa-fé, possa afirmar que os anarquistas oferecem a felicidade aos famintos para o ano 2000. Devemos dizer que quem assim julga está absolutamente errado — e esclarecemos porquê. Os anarquistas, assim como nada pedem nada oferecem, porque não se apresentam como messias, como líderes, como mentores ou demagogos políticos que prometem este mundo e o outro para que os elevem às alturas dos órgãos governamentais.

* Edgar Leuenroth (1881-1968): tipógrafo, escritor e anarquista. Em 1909 dirige o jornal *A Lanterna*, em 1917 funda e dirige o jornal *A Plebe* e em 1933 funda o Centro de Cultura Social de São Paulo. Organizou a antologia *Anarquismo — roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro, Germinal, 1963.

Os anarquistas sempre presentes

Os libertários esposam um ideal que propugna a substituição da sociedade atual, caracterizada pela iniqüidade, exploração e pela tirania, por outra, baseada no princípio da igualdade social. E, convencidos da justiça desse ideal, por ele se batem divulgando-o por toda parte, ao mesmo tempo que lutam com o povo, a que pertencem na reivindicação de seus direitos, sujeitando-se a todas as conseqüências dessa luta.

São apontados como teóricos, e, de fato, o são desde que têm de divulgar a doutrina anarquista, isto é, de expor os princípios e métodos do anarquismo, o que, entretanto, sempre procuram fazer da maneira mais simples possível e com a máxima clareza. Por isso, não podem ser acoimados de metafísicos, pois fogem das conclusões abstratas, não tendo a sua obra nenhuma feição transcendental.

Os anarquistas têm participado direta e ativamente, em pessoa, não ditando palavras de ordem para outros cumprirem, em todos os movimentos sociais, procurando levar os acontecimentos no sentido da transformação imediata do sistema social ou, quando menos, para que resultem deles a maior soma possível de conquistas para o povo. Durante a revolução russa, constituíram, animaram, orientaram e defenderam as comunas livres na Ucrânia, o mesmo tendo feito na revolução da Hungria. Na revolução espanhola, foram eles que tiveram atuação mais decisiva, organizando as coletividades agrícolas, na base do socialismo livre, sem ditadura e com respeito da personalidade de seus elementos, socializando as indústrias e outros centros de produção em Barcelona e outros principais meios ibéricos.

Onde quer que se lute contra o fascismo e todas as manifestações de tirania, são encontrados os anarquistas nas primeiras filas de combatentes. Será isso, por-

ventura, uma atitude platônica de quem busca a felicidade do povo para um longínquo futuro?

carta aberta aos trabalhadores⁵

florentino de carvalho*

Camaradas:

Pelo que venho observando, a minha atitude no movimento social não está sendo interpretada com a devida exatidão.

O fato de não ter eu desenvolvido mais atividade, de não me ter entregado de cheio à obra de arregimentação e agitação sindical tem causado, ao que parece, certa estranheza entre alguns militantes.

Julgam eles, por ventura, que esta minha atitude possa ser sintoma de apatia ou renúncia?

Quem sabe? Já, em tempo, adversários nossos disseram, com satisfação, que Florentino já deu o que podia dar. É possível. As forças do homem são limitadas e, as minhas não são as mesmas de que gozava há trinta anos. Porém, se fisicamente deixo muito a desejar, espiritualmente sou, ou creio ser, o mesmo que era no

* Florentino de Carvalho (1879-1947): professor, escritor e anarquista. Dirigiu os jornais *A Plebe*, *O Libertário*, e a revista *A Obra*. Autor de *Da escravidão à liberdade*. Porto Alegre, Editora Renascença, 1927; *A guerra civil de 1932 em São Paulo*. São Paulo, Editorial Ariel, 1932.

Carta aberta aos trabalhadores

primeiro dia em que entrei na militância operária e anarquista.

Não pretendo ainda dar por terminado o meu tirocínio na luta, não pretendo candidatar-me à invalidez nem dar baixa das fileiras subversivas, ou distanciar-me das batalhas diárias contra a exploração e o autoritarismo. Ainda não me passou pela mente a idéia de entrar em período de vilegiatura.

Mas a causa porque não me tenho voltado inteiramente, e com maiores brios à ação das nossas organizações trabalhistas, tem as suas explicações, das quais cumpre destacar as seguintes:

Quem aqui viveu desde 1904 até 1920; quem teve o prazer de participar durante anos a fio dos movimentos operários no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, das agitações de 1912 em Santos, Sorocaba, e particularmente, agitações nesta capital; quem teve o ensejo de compartilhar na obra do Centro Libertário e nas campanhas proletárias das quais aquela agremiação era eixo de gravidade; quem viu os trabalhadores agrupados sob novas formas de organização mais consoantes com os princípios de solidariedade e de fraternidade; quem passou os seus melhores dias nesse ambiente de idealismo revolucionário pode alegrar-se com o estado atual de organização, de agitação e de propaganda? Podemos nos conformar com a simples obra corporativa e de agitação por meras questões de salário, sem uma concepção mais ampla, mais elevada da luta, sem um ideal de emancipação a atingir?

Eu devo declarar que a remoção das causas da tirania e da miséria são para mim uma questão primordial. Se há vinte e oito anos venho atuando no movimento operário tem sido, e ainda é, com o fim de sublevar as massas proletárias contra os seus opressores, e sub-

verter, por esse processo, o regime do capitalismo e do Estado, e todas as formas de governo e de domínio do homem sobre o homem.

Todas as organizações operárias, todas as forças e escolas sociológicas, têm sido objeto meu, de longo e cuidadoso exame. Particularmente a organização sindical, as suas bases, os seus fins, os seus meios, têm sido um livro que desde há muito venho estudando, página por página, linha por linha.

E na balança do meu entendimento tenho pesado seus valores. E cheguei, cada vez mais, à conclusão de que o sindicato operário é uma agremiação incipiente, de funções muito restritas, e a luta, e bem assim, as aspirações sindicais, estão longe de preencher as necessidades requeridas pelas reivindicações capitais e decisivas do proletariado. E muito mais longe ficam como forças propulsoras dessas reivindicações, se marcham a esmo, movidas pelos insignificantes valores específicos, sem o impulso decisivo e sistemático das minorias de trabalhadores que têm superiores aspirações.

As nossas organizações carecem, hoje, de ciência, de luz, de ideal. A instrução, as doutrinas sociais, tão necessárias para habilitar os operários na luta contra a burguesia, são quase letra morta. As idéias de liberdade, de igualdade, os modernos postulados do socialismo libertário não são divulgados dentro dos sindicatos na medida necessária para ilustrar os escravos modernos, vítimas, em primeiro lugar, da própria incultura.

Daí o nosso desprazer. Naturalmente, os que temos pressa em promover a derrocada do regime capitalista; os que almejamos o estabelecimento imediato, sem perda de um minuto, da sociedade dos trabalhadores livres, não podemos perder muito tempo, senão na propaganda ideológica, no processo insurrecional.

verve

Em defesa da federação operária

Se não se quer continuar na profunda crise cultural, revolucionária e idealista em que nos encontramos, é preciso rever a obra que temos à vista, é preciso dar maior vôo aos espíritos; abrir as portas e janelas do nosso edifício social e deixar que nas organizações penetre o ar fresco das idéias libertárias. É preciso não ter medo à intempérie. As novas brisas espirituais não fazem mal a ninguém; pelo contrário, regeneram, tonificam, dão vigor, entusiasmo e elevam o moral do homem.

em defesa da federação operária

(carta-aberta ao chefe de polícia dr. aurelino leal)⁶

josé oiticica*

Ex.^{mo} Sr.: um tópico do meu artigo “O que não se fez” irritou V. Ex.^a, excitou-lhe as primas da alma e fez V. Ex.^a enviar ao 1º delegado de Polícia aquele ofício preventivo de catástrofes iminentes. Mandou-lhe V. Ex.^a o *Correio da Manhã* com meu artigo tatuado de vermelho para assinalar ao deszeloso serventuário o fato grave do restabelecimento, melhor, do renascimento da Federação Operária, extirpada, há um ano, por V. Ex.^a.

Fiquei atônito, Ex.^{mo} Sr.! Bem se diz que a República Brasileira anda de pernas para o ar. Em vez de ser o delegado, o subalterno, quem informa a V. Ex.^a da orga-

* José Oiticica (1882-1957): filólogo, professor, anarquista. Organizou o levante anarquista de 1918, no Rio de Janeiro, e fundou, em 1929, o jornal *Ação Direta*.

nização de uma sociedade perigosa, é V. Ex.^a que vai informar ao seu inferior, pedindo-lhe depois que abra inquérito sobre isto e sobre aquilo. Ora essa! Se a Polícia de V. Ex.^a estivesse nos seus eixos, o 1º delegado já deveria ter cochichado aos ouvidos sensibilíssimos de V. Ex.^a tudo quanto V. Ex.^a agora quer saber. Nesse caminho, V. Ex.^a acaba secreta da Polícia, e o Bandeira de Melo, verdadeiro chefe, para moralidade do Serviço.

Passado o meu espanto, vamos ao que importa. Diz V. Ex.^a que a Federação Operária Brasileira, violentamente extinta por V. Ex.^a, o ano passado, era “um antro de anarquistas e velhacada ostensiva e audaciosa da vasa internacional atirada às nossas praias, aqui vivendo em perene abuso da nossa índole hospitaleira e da liberdade das nossas leis”.

Quem lê isso põe as mãos a orar, agradecendo ao Ser Supremo a dadivosa prenda feita à pátria dos Tupiniquins. V. Ex.^a é o Salvador desta grande Pátria, mas atrevo-me a lembrar-lhe que V. Ex.^a nunca se rebaixou a visitar a Federação amaldiçoada. V. Ex.^a fala de oitava, pelo que lhe foi contar a sórdida patrulha de secretas, conhecidíssimos dos operários e por eles repelidos com o mais soberbo dos desdêns.

Se o meu testemunho vale alguma coisa, posso atestar a V. Ex.^a que o convívio de cinco anos com a tal vasa internacional me aproximou daqueles mesmos “anarquistas perigosos” que V. Ex.^a mandou prender, o ano passado. Esses homens, por exemplo, Maximino de Macedo, Pedro Matera, José Gaiazzo, Primitivo Soares, Mações e outros, são homens de uma energia moral a toda prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamo altamente como título de honra. Para eles abrem-se as portas de minha casa, que eu fecho terminantemente aos subordinados de V. Ex.^a, à vasa nacional que

Em defesa da federação operária

V. Ex.^a cria e paga nesse antro de patifes, assassinos, bêbados e ladrões nesse velhacada oficial da capangagem vil, que é a polícia secreta de V. Ex.^a.

V. Ex.^a quer “moralizar a pátria”. Faz muito bem. Mas para “moralizar a pátria”, V. Ex.^a denuncia e ataca os anarquistas. Ouso discordar desse processo. Desafio a que me aponte V. Ex.^a, ou quem quer que seja, um assassino, um só, entre os anarquistas do Brasil, um ladrão, um incendiário, um desordeiro, um adulator, um vagabundo, um mendigo, um delator, um vigarista... desafio! E desafio porque tenho a certeza, e os fatos têm provado, de que, se algum trabalhador, tido por anarquista, cair na malandragem ou se apegar à bajulação eleitoral, será literalmente arredado dos meios libertários.

Para moralizar este Brasil querido e maltratado, V. Ex.^a devia fazer o que não tem feito. Para me servir da expressão de V. Ex.^a, lembrarei que, se há uma vasa internacional de proletários, há outra vasa internacional burguesa. E se é justo perseguir os maus elementos do andar térreo, a justiça impõe creolina policial no sexto andar, onde proliferam, ao sol vivo, canalhas de primeira.

Ora, que tem V. Ex.^a feito nesse rumo? Nada! Que autoridade moral tem o governo de V. Ex.^a para prender os pobres diabos sem crime algum, se o atual presidente da república e o presidente da república futuro, com V. Ex.^a ao lado, mandam pêsames a um incendiário estrangeiro pelo incêndio ateado por ele mesmo? Que autoridade moral tem o governo de V. Ex.^a para apontar, como assassinos, homens inocentes de qualquer morte, quando esse governo é criação do anterior governo, celebrizado pelos horríveis assassinios da ilha das cobras e do “satélite”, pelo bombardeamento de cidades

brasileiras e morticínios conseqüentes, tudo isso com o apoio tácito, sem um protesto mínimo, do atual presidente da república, do presidente da república futuro e de V. Ex.^a? Que autoridade moral tem o governo de V. Ex.^a para castigar possíveis e supostos crimes, quando esse governo deixa impunes ou premia torpes negociações, como a da prata; explorações infames, como as desta guerra; carnificinas e rapinagens, como as do contestado, expostas e documentadas em plena Câmara?

Se V. Ex.^a quer salvar o Brasil, comece pela vasa nacional, e se não tem ânimo nem forças para começar de cima, inicie o seu trabalho pela estrebaria da chefatura de polícia. É realmente indecoroso, nauseante, repulsivo, esse corpo de agentes que V. Ex.^a sustenta e ouve. Há nele desde o delator mentiroso, falso, até o assassino criminosamente indultado. São espiões a quem faltam as extraordinárias qualidades de um espião de guerra. São covardes, mexeriqueiros, gatunos. Servem pelo dinheiro que lhes dão, sem nenhuma nobreza de alma, sem nenhum sentimento de dignidade humana. Humilham-se a todas as concessões, agacham-se às mais tristes ordens. É a vasa mais miasmática. Faz pena vê-los arredios, envergonhados de si mesmos ou inconscientes do seu papel indigno, a ouvirem, sem reagir, as palavras de repulsa dos trabalhadores espionados. Por essa escória humana é V. Ex.^a instruído do que se passa entre os trabalhadores, do que se passava na Federação Operária, nessa Federação onde eu fiz numerosas conferências, um curso inteiro de sociologia, aulas de ciências naturais e muitas preleções sobre higiene.

Diz V. Ex.^a que nessa Federação “se pregou a dissolução da família”. Posso asseverar a V. Ex.^a que isso é absolutamente falso, pois o anarquismo não prega semelhante coisa. Os anarquistas são também pais, têm, muitos deles, numerosa prole. Não podiam, por isso,

Em defesa da federação operária

pregar a dissolução da família. O que eles acham, e eu também acho, é que, para amar a companheira e filhos, não há mister a benzedura do batismo ou aquela comédia com que o código civil, meio anarquista nesse ponto, acabou serenamente.

“Pregou-se a negação da pátria” — afirma V. Ex.^a. Se V. Ex.^a houvesse um dia descido da alta posição que ocupa, a ouvir os anarquistas na Federação, acabaria concordando com eles no referente à noção de pátria. V. Ex.^a é patriota, e eu também sou, mas eu sou diferentemente de V. Ex.^a, e estudo. Amo extremamente esse Brasil, terra admirável, pessimamente aproveitada; amo a sua natureza esplêndida, e procuro, em prosa e verso, exaltá-la, cantá-la, glorificá-la. Sinto-me grande em ser brasileiro, porém maior em ser homem. Amo o povo desta terra, a infeliz raça desprezada, amargurada na escravidão, despedaçada nas bandeiras e entradas, escorraçada por quanto explorador nacional ou estrangeiro a avilta, deprime e calunia, vítima da politicagem miserável que a destroça nas revoluções, a escorcha com os tributos, a esfacela com expedições militares mais custosas que as escolas que lhe negam. Não sou, todavia, jacobino, não sou nativista, não sou xenóforo. Vejo, em qualquer trabalhador, em qualquer homem digno, um compatriota. Entre um brasileiro ruim e um estrangeiro bom, dou preferência ao último. Penso que a minha terra pode ser mais amada e melhor servida por muitos estrangeiros honrados que por muitos brasileiros negociastas, paspalhões e devassos.

O que nego é a pátria pretexto de extorsão, ladroei-
ra, maroscas internacionais, guerras interesseiras, conquistas, opressões; é a pátria separação entre homens, motivo de digladiações comerciais, agrupamentos de banqueiros e capitalistas gananciosos, que iludem a massa estulta para se enriquecerem à sombra das ban-

deiras. Esta é a pátria que negam os anarquistas, e com eles todos os homens de entendimento e cora-
ção.

Assevera V. Ex.^a que se pregou, na Federação Ope-
rária, “a subversão da ordem jurídica e legal”. Esse é
realmente o fulcro da revolução social moderna. Mas,
note V. Ex.^a, não é a Federação que a prega. V. Ex.^a
ignora que a Federação não é uma “sociedade, mas a
agremiação de várias sociedades operárias”, nenhu-
ma delas, veja bem V. Ex.^a, “nenhuma delas” anar-
quista, V. Ex.^a teria o direito de fechar a Federação,
se a Federação incluísse nos seus estatutos e pre-
gasse sistematicamente a subversão social. Ora, isso
nunca se deu. V. Ex.^a teria tal direito, se a Constitui-
ção o permitisse, de enclausurar apenas os pregado-
res das tais doutrinas. Por isso o ato de V. Ex.^a, extin-
guindo uma associação a que se achavam filiadas so-
ciedades legalmente constituídas, como a dos
marmoristas, foi uma arbitrariedade, aliás muito co-
mum entre os homens do poder.

Garante V. Ex.^a que na Federação se pregou o “as-
sassinato (*sic*) da autoridade”. V. Ex.^a há de me per-
mitir a afoiteza de registrar aqui três ingenuidades de
V. Ex.^a. A primeira é supor que a personalidade de V.
Ex.^a tem algum valor na questão social. Que adianta-
ria ao mundo, ao problema da organização humana,
ao futuro regime econômico, a supressão de V. Ex.^a?
Então V. Ex.^a, figura efêmera de um governo efêmero,
se acredita barreira tal à expansão dos ideais novos,
que a sua remoção ou demolição se impunha aos após-
tolos desses credos?

A segunda ingenuidade é crer V. Ex.^a tão ineptos e
imbecis os anarquistas estrangeiros ou nacionais que,
incluindo em seu programa a eliminação de V. Ex.^a

Em defesa da federação operária

ou de qualquer outro figurão de casaca (*tenemus risum*), fossem declará-lo em público, anunciá-lo de antemão a esbirros e beleguins. Ora essa!

A terceira ingenuidade está na própria ação de V. Ex.^a. V. Ex.^a decretar “absurdas” as idéias anarquistas e resolver opor-se a elas, inutilizá-las no Brasil, impedir neste recanto indene a contaminação da epidemia apavorante. É como se V. Ex.^a quisesse, com um copo de água, apagar o Chimborazo. Quando o mundo inteiro freme de indignação e ódio revolucionários contra a abominável coligação exploradora que desencadeou, na terra inteira, a guerra atual, quando a massa trabalhadora internacional abre os olhos e vê os destroços formidáveis causados pelo regime jurídico autocrático e democrático; quando a remodelação das bases mesmas da agremiação humana é o refrão diário, a aspiração insopitável, a mais veemente força propulsora da multidão que sofre, de que valem as perseguiçõezinhas, as medidinhas, as fitazinhas de V. Ex.^a, neste ambientezinho insignificante e ignoto do Rio de Janeiro!

E o mais interessante é que V. Ex.^a vai obter, como os plutocratas de São Paulo, exatamente o inverso. V. Ex.^a está cooperando excelentemente com os propagandistas na obra tenebrosa e assustadora. A Federação Operária era uma agremiação frágil, hesitante, com cinco mil sócios, mais ou menos, entre as sociedades componentes. O ato arbitrário de V. Ex.^a, fechando-a, foi laço forte para a união dos trabalhadores.

O inquérito ordenado por V. Ex.^a é trabalho inútil. Posso informar a V. Ex.^a que a atual União Geral dos Trabalhadores é a mesma antiga Federação Operária com os antigos elementos e outros muitos novos. Os

cinco mil trabalhadores de ontem, graças a V. Ex.^a, são hoje trinta mil, solidamente arregimentados. Não constituem uma “sociedade”, mas representam a solidariedade de vários grupos operários unidos para um mesmo fim de defesa mútua. Nenhuma dessas associações, posso garantir a V. Ex.^a, é anarquista. Os elementos anarquistas que entre elas há, ou são brasileiros ou estrangeiros “residentes no Brasil”, que se fizeram anarquistas no Brasil.

V. Ex.^a pode dormir tranqüilo. Ninguém pensa em assassinar V. Ex.^a nem assassinar nenhum representante da autoridade.

Eu, porém, interessado nos problemas sociais do mundo, desejo intimamente que V. Ex.^a leve avante uma perseguição tenaz contra a União Geral dos Trabalhadores. Peço, imploro, rogo a V. Ex.^a este serviço extraordinário, que pagarei com a idéia de erguer a estátua de V. Ex.^a ao lado da de Floriano, com os primores de arte que a super-ornam. Foi V. Ex.^a que elevou de cinco mil a trinta mil o número de operários federados. Com mais um toquezinho, V. Ex.^a elevará o número a cem mil. Cem mil aqui, outros cem mil em São Paulo! Que beleza!

Sou, de V. Ex.^a servidor sem préstimo, José Oiticica.

Rio de Janeiro, *A Rua*, 19/04/1918.

a política não me interessa⁷

maria lacerda de moura*

O voto? — Nem secreto, nem masculino, nem feminino.

O voto secreto? — A confissão pública da covardia, a confissão pública da incapacidade de ostentar a espinha dorsal em linha reta, a confissão pública de servilismo e da fidelidade aviltante de uns, do domínio das mediocracias legalmente organizadas.

Democracia? — Ferrero a definiu: “este animal cujo ventre é imenso e a cabeça insignificante”.

O voto não é necessidade natural da espécie humana: é uma das armas do vampirismo social. Se tivéssemos os olhos abertos, chegaríamos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciência, aplaudindo a miséria parasitária que inventou e representa a *tounée* da teatralidade dos governos, da política, da força armada, da burocracia e afilhados — para complicar a vida cegando aos incautos, a fim de explorar todo o gênero em proveito de interesses mascarados nos ídolos do patriotismo, das bandeiras, da defesa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, da honra e da dignidade dos povos.

Depois, a rotina, a tradição, a escola, o patriotismo cultivado, carinhosamente, para que a carneirada lou-

*Maria Lacerda de Moura (1887-1945): anarquista brasileira de grande destaque nas lutas antifascistas, anti-clericais e feministas do século XX. Autora, entre outros, dos livros *A mulher é uma degenerada?*, *Amai-vos e não multipliqueis*.

ve, em unísono, o cutelo bem afiado dos senhores. A religião, a família encarregam-se do que falta para desfibrar o indivíduo.

O voto, a legislação interesseira e mesquinha dos pais da Pátria, Parlamentos, Senados, Consulados, Ditaduras, Impérios, Reinos, Repúblicas, Exércitos, Embaixadas, Liga das Nações, Paz Armada, Alexandre, Césares, Mussolini — “escultores de montanhas”, símbolos de cegueira do rebanho humano, ídolos que substituem e equivalem, brinquedos perversos de crianças grandes, sonhos transformados em “verdades mortas”, infância, atavismo de paranóicos.

A política é um trapézio.

Direitos do povo, sufrágio universal... palavras. Dentro do demagogo há uma alma de tirano. Caída a máscara que atrai o rebanho humano, o ditador salta no picadeiro da política, as duas mãos ocupadas: em uma o “manganello” [cacete]; na outra, o óleo de rícino.

Tem razão Aristóteles: “O meio de chegar à tirania é ganhar a confiança da multidão: o tirano começa sempre por ser demagogo. Assim fizeram Pisistraste em Atenas, Téagéne em Mégara, Denys em Siracusa”.

Assim fez Mussolini.

Quando um Rui Barbosa, por exemplo, falava tão alto contra os nobres pais da pátria, é porque tinha na alma o despeito louco de não ter sido elevado ao pico máximo da vontade de poder.

Em política, age-se de modo inverso: os tribunos demagogos adulam o povo, elogiam a soberania do povo, proclamam os direitos do povo, prometem a felicidade do povo e sobem, empurrados pela embriaguez nacionalista e pelo servilismo e docilidade do povo, mas representado pela “população de cima”.

A política não me interessa

Quem quiser subir aos picos da vontade de poder, não procura as vozes desassombradas e nem toma decisões sem ouvir a direção do seu partido. Obedecer é a escola de quem quer mandar.

O político é um acrobata, e para alguém ser um acrobata tem de participar cedo a deslocar todas as juntas.

O político quando sobe às culminâncias da glória e do poder, já se dobrou tanto, já se curvou, já se humilhou, já fez de tal modo o corpo em arco e a alma em camaleão que é capaz de se identificar com o molusco.

Como deve ser difícil engolir a liberdade de opinião, a liberdade de consciência, a liberdade da imprensa, a coragem de proclamar alto as convicções — se fazemos parte de um partido definido, com declaração de princípios e afirmações categóricas e ação metodicamente organizada para derrubar partidos contrários ou dogmas religiosos que vêm ferir os nossos dogmas e pôr diques à nossa desenvoltura apostólica!

Quando a imprensa é só louvor aos “eleitos” de cada partido político, se ninguém quer ouvir senão o que interessa aos seus planos e aos projetos e decisões do seu partido, se todos se preocupam com o cidadão e desprezam o homem livre, trata-se de ser sempre contra alguém, para subir, para vencer, custe o que custar; se obedecemos a lei em prejuízo da consciência; se fechamos os olhos para não ver e nos servimos da lógica como instrumento para abafar as vozes sinceras! Se semeamos ódio e as ambições, nas farsas patrióticas dos nacionalismos de partidos a se digladiarem pelo osso da vontade de poder, pelo osso do domínio e da glória política — abrimos alas a uma ditadura mussolinesca com todas as arlequinadas do “manganello”, batuta da orquestração paranóica do atavismo elevado à altura

do gênio, e que há de representar condignamente a dignidade de Cônsul, como aquele cavalo célebre.

Também nós, insensivelmente, pouco a pouco, preparamos o ambiente para que surja, neste país, um capataz, rebenque em punho, para gáudio dos acrobatas moluscos das democracias de demagogos.

Somos uma nação de leis.

E Sócrates já dizia: “É a lei que corrompe os homens. Quem quer que aconselhe: ‘Obedeça à lei’ — é corruptor aos olhos do filósofo. Mas, quem quer que aconselhe: ‘Obedeça à sua consciência’, é corruptor aos olhos do povo e dos magistrados.”*

E, a propósito da liberdade da imprensa, nos lembremos ainda de Sócrates: “Parece-me bem insignificante a coragem que acha temíveis certas verdades.”

Que será preciso para ser político ou servir a amigos políticos?

Ouvir, observar, acatar, obedecer, curvar-se ante os paredros da política, louvar ao povo, cantar a soberania do povo, prometer liberdade e... fazer ginástica.

Cada um de nós só tem o direito de governar a si mesmo.

Ninguém pode exigir da consciência de outrem.

Os homens se esqueceram da própria realização interior, para cuidar de todas as necessidades perfeitamente desnecessárias, criadas pela cupidez do capitalismo absorvente e pela perversidade inominável do industrialismo, de tudo, inclusive das consciências — organização social de cáftens e de vampiros do sentimento humano, mantida pela política, pelo capital, pe-

² Han Ryner. *Les véritables entretiens de Socrate*.

A política não me interessa

las religiões dominantes, que separa os humanos em vez de os unir, e pela força armada, escola de chacina para formar almas de canibais condecorados.

Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fora, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em uníssono com a nossa harmonia, é violência que gera violência, é ódio que gera ódio. Mandar, como obedecer, é covardia: degrada, avilta, imbeciliza o gênero humano.

Notas:

¹ Título original “Razões do presente livro”, extraído de Roberto das Neves. *O diário do Dr. Satan – comentários subversivos às escorrências cotidianas da sifilização cristã*. Rio de Janeiro, ed. Germinal, 1954, pp. 7-12.

² Extraído de *A Plebe*, São Paulo, nº 7, 16/07/1948.

³ Texto inédito escrito em dezembro de 1986 para uma conferência em Belo Horizonte (arquivo do CCS).

⁴ Extraído de Edgar Leuenroth. *Anarquismo — Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre, 1963, pp. 28-29.

⁵ Extraído de *A Plebe*, São Paulo, nº 11, 28/01/1933.

⁶ Extraído de José Oiticica. *Ação direta (meio século de pregação libertária)*. Rio de Janeiro, Ed. Germinal, 1970, pp. 52-57.

⁷ Extraído de *A Plebe*, São Paulo, nº19, 08/04/1933.

Recebido para publicação em 20/02/2006. Confirmando em 31/07/2006.